

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Diário do Povo

CLASS. : Yanomami

DATA : 22.12.85

PG. : 527

DIÁRIO DO Povo

Essa Visão - RR — Domingo, 22 de Dezembro de 1985

Para governador PF local não espancou garimpeiros

O governador Getúlio Cruz, que mandaria de fora uma equipe com o objetivo de investigar o envolvimento de estrangeiros e missões religiosas em ações duvidosas. De acordo com o governador o episódio não teve a dimensão que alguns quiseram dar e para ele foram fatos isolados que não chegaram a causar impacto na população. Mas reconhece que a ação da Polícia Federal no Santa Rosa deveria ter sido informada ao governo do Território, mesmo porque questões de segurança, até prova em contrário, são prerrogativas do governador de Roraima. Getúlio assegurou que não há desconforto entre as instituições, pois seu relacionamento com a Polícia Federal é muito bom. Apenas entende que alguns elementos exorbitaram nas suas funções e disso acabou restando uma lição: "Somos todos brasileiros e como tal devemos trabalhar em conjunto para tornar possível o cumprimento de uma importante missão, que é a de defender a nossa soberania".

(PAGINA 3)

DIÁRIO DO POVO 22.12.85

Em Rondônia a polícia manda apurar violência

PORTO VELHO — Três semanas após o tiroteio ocorrido no carapê do Gavião, próximo a Mutum Paraná, a 170 kms de P. Velho (rumo ao Acre), a polícia conseguiu identificar em inquérito dois dos 21 segurancas da Mineração Oriente Novo S/A que praticaram atos de violência contra garimpeiros expulsos da lavra de cassiterita do setor São Lourenço. Jurandir José de Freitas que levou alguns tiros de revólver, submetendo-se a duas cirurgias e José Araújo Duarte são os identificados. O chefe da segurança da mineração, conhecido apenas por Medeiros, comprometeu-se a apresentar a polícia, nas próximas horas, seus dois subordinados

que agiram contra o delegado de Campo Novo, no Alto Can- Valdir Oenik, um escrivão e cinco policiais militares que se deslocaram até Mutum Paraná para apurar o conflito entre os segurancas e garimpeiros. Na próxima semana, o presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Rondônia, Antônio Nunes Cardoso, irá até o garimpo de Campo Novo, no Alto Can- delas — entre Porto Velho e Ariquemes — onde teria se registrado outra invasão de áreas de cassiterita. Ainda não foi solucionado o problema da cassiterita apreendida no setor São Lourenço pelos segurancas da Mineração Oriente Novo e que ficou em mãos da Receita Federal.

DIÁRIO DO POVO

Boa Vista - RR — Domingo, 22 de dezembro de 1985

Para Getúlio agressão não envolveu local

"Quero deixar bem claro, para se evitar mal entendidos, que não há desconforto entre as instalações. O relacionamento é muito bom. Entendo que o episódio todo decorreu do desvirtuamento dos objetivos. A verdade é que alguns elementos exorbitaram numa missão", disse ontem pela manhã o governador do Território, Getúlio Cruz, ao explicar a posição do governo em reação aos fatos ocorridos no garimpo de Santa Rosa e que teriam sido provocados por policiais federais. Ele falou à imprensa por cerca de duas horas, numa entrevista coletiva, no Palácio 31 de Março.

O governador fez questão de frisar durante toda a entrevista que não houve nenhuma participação do Departamento da Polícia Federal em Roraima no episódio, pois recebeu informações do diretor, Daniel Norberto, de que em nenhum momento a sua equipe esteve no local. Segundo Getúlio, os policiais federais, se é que tenham sido eles os autores dos distúrbios, vieram de fora. A Polícia Federal em Roraima sabia apenas que uma equipe estaria encarregada de realizar uma operação na região para investigar a ação de estrangeiros e missionários, que estão sendo acusados de algumas ações que atentam contra a soberania da Nação.

Getúlio afirmou que na terça-feira estava no Ministério do Interior para um contato com o ministro Costa Couto, quando recebeu uma informação de que o governador em exercício, Paulo Vidal, queria falar-lhe com urgência. O governador dirigiu-se então à sede da representação do Território em Brasília e foi informado de que uma equipe da Polícia Federal, com o apoio da FAB, chegara a Santa Rosa e dera aos garim-

peiros um prazo de 72 horas para que saíssem do local, pois ali era área indígena. Getúlio tentou falar com o ministro do Interior mas não o encontrou. Foi atendido pelo secretário-geral, Maurício Vasconcelos, a quem relatou a situação em Roraima. Ressaltou que eram apenas informações preliminares, pois ninguém do governo ainda estivera na área. Segundo Getúlio, a reação de Vasconcelos foi de perplexidade.

Segundo o governador, ele também estava perplexo, embora as primeiras informações não pudessem receber todo o crédito, pois nem sempre são verdadeiras por conter uma certa dose de animosidade. Mas de início, Getúlio fez ver que não fora informado de nada, o que no mínimo foi um desrespeito à sua autoridade. Até prova em contrário, ressaltou, as questões de segurança em Roraima são prerrogativas do governador do Território.

Para ele, essa operação trouxe sérias consequências de ordem pública. O assunto foi encaminhado também ao ministro-chefe da Casa Militar, general Bayma Deny, que é o presidente do Conselho de Segurança Nacional.

Para Getúlio, fatos dessa ordem acabam provocando apreensões ao governo e à sociedade. E isso fez ver ao secretário-geral do Ministério do Interior, de quem recebeu as garantias de que providências seriam tomadas. Para Getúlio, o episódio, embora isolado, provocou estranheza, pois a ação da Polícia Militar, com uma equipe de fora, implica em que alguma coisa de anormal estaria ocorrendo no Território, o que não é verdade, pois para ele as coisas estão calmas e o episódio só serviu para tumultuar.

No Ministério da Justiça foi-lhe pedido um comunicado ofi-

cial. Getúlio conta que tão logo soube do ocorrido determinou que o secretário de Segurança Pública, coronel Menna Barreto, fosse para a área para levantar dados concretos. Isso ocorreu na manhã de quarta-feira. Ao chegar ao local, o secretário recebeu denúncias de atos de vandalismo contra os garimpeiros, que garantiram serem os agressores homens da Polícia Federal. No final da tarde, o governador voltou ao Ministério da Justiça para falar com o ministro Fernando Lyra. Como ele não estava, foi recebido pelo secretário-geral, José Paulo Cavalcanti, com quem conversou durante cerca de duas horas. Também ele lhe garantiu que não tinha nenhuma informação a respeito do assunto ou de quem partida a ordem para execução da operação.

Frisando mais uma vez que tem o diretor da Polícia Federal em Roraima, Daniel Norberto, no mais alto conceito, Getúlio revelou que falou com ele e a única informação que havia era de que uma equipe da Polícia Federal iria para Roraima a fim de verificar as atividades de estrangeiros e missões relativas a atividades para objetivos duvidosos. O governador disse que no contato que fez com o coronel Onélio Machado, comandante do 6.º BEC, recebeu a notícia de que também ele desconhecia qualquer operação na área.

Em Brasília, Getúlio informou ao secretário-geral que o procedimento adotado pela Polícia Federal era inaceitável, pois ele levou a conturbações. Adiantou que no seu entender parecia até que alguém mal intencional esteve tentando criar um clima de instabilidade no Território. O secretário-geral garantiu que nada sabia. Getúlio pediu também que o coronel Menna Barreto voltas-

se à área. O secretário determinou que os agredidos viessem para Boa Vista a fim de serem submetidos a exame de corpo de delito. Além disso, foram providenciadas fotos documentando a extensão dos danos provocados no garimpo, enquanto que a Associação dos Garimpeiros pediu a abertura de inquérito.

A conclusão que Getúlio tira dos fatos é que eles foram isolados, ganhando uma dimensão maior apenas no âmbito interno, tanto que a população nem sequer reagiu aos acontecimentos. Entende ele houve um desvirtuamento da missão original e resalta que a Polícia Federal em Roraima realmente nada tem a ver com o ocorrido, pois não tinha coagentes no Santa-Rosa.

O governador deixou bem claro que ao mandar apurar rigorosamente os fatos não está tomando partido, apenas cumprindo sua função e respondendo à sociedade no cumprimento do cargo que exerce. Frisou que não tem participação contra os índios. Apenas acha que deve ser dado a cada um o direito ao trabalho. Lembrou que seu passado é de estreito relacionamento com os índios e é seu dever defender a preservação das tribos. Mas para ele o fundamental é manter a ordem e respeito às instituições.

Na entrevista deixou bem claro que seu relacionamento com a polícia Federal é o melhor possível. Mas ressaltou que os casos de torturas serão rigorosamente apurados. Lembrou também que o inquérito vai revelar toda a verdade, inclusive de quem partiu a ordem para a operação e por que os agentes teriam dito que estavam agindo em nome do governo, o que Getúlio considera um fato grave. O governador revelou também

que tão logo os policiais saíram a paz voltou ao local.

Sobre o objetivo que teria motivado as agressões, o governador entende que não há razão para tal, pois o Santa Rosa não é área indígena e existe lá há muitos anos, desde 70 quando para Roraima ocorreram milhares de grimeiros diante da notícia de que esse garimpo seria uma nova Serra Pelada. E como brasileiro ele resalta que tem o direito de discordar da atuação de estrangeiros na área. Por isso entende que o episódio pode ter sido um desvirtuamento de missão. Não aceita a hipótese de que ele tenha sido criado para desestabilizar o seu governo, já que não acredita que ainda existam tantas ex-crescência da Velha República em Roraima em condições

de levar a cabo tal plano. Crede os fatos a uma falha de formação, embora os considere lamentáveis.

O governo informou ainda que enviará um relatório circunstanciado a todos os órgãos do governo federal. No entender de Getúlio, embora tenham ocorrido fatos lamentáveis, essa missão da Polícia Federal desde que obedecidos seus objetivos originais é necessária. Para ele os federais precisam percorrer mais essas áreas para ver de perto o que estrangeiros estão fazendo. De acordo com sua opinião o Brasil não pode permitir a "estrangeirização" de suas fronteiras, como está pretendendo um grupo que trava a criação do território Yanomami.

De tudo o que ocorreu ele diz que guarda uma grande lição: "Somos todos brasileiros e é preciso que nos entendamos como equipe. É preciso atuar em conjunto para tornar-se possível o cumprimento de uma grande missão que é a de manter a nossa soberania".